



João Paulo Bessa Ferreira

A reconfiguração do atleta por meio do recorte midiático:
um estudo de caso do jogador de futebol Guti

Trabalho de Conclusão do Curso

Trabalho de conclusão do curso de graduação
apresentado ao Departamento de Comunicação
da PUC-Rio, como requisito parcial para
obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Lilian Saback

Rio de Janeiro
Dezembro de 2025

Dedico este trabalho exclusivamente à minha família, que foi, é e sempre será a base da minha vida.

Aos meus pais, que abriram mão de momentos de lazer e, mesmo em tempos difíceis, nunca deixaram de colocar a minha educação e a da minha irmã como prioridade. E à minha avó, cuja criação foi essencial para que eu me tornasse quem sou.

AGRADECIMENTOS

Venho de uma família de imigrantes trabalhadores, como meu avô Abílio, português, e minha avó Carmen, espanhola, que criaram meu pai, também chamado Abílio, a pessoa mais fundamental na minha educação. Ele abdicou de qualquer lazer ao longo da vida com a única intenção de garantir a melhor educação para mim e para minha irmã. Minha mãe, Raquel, é sinônimo de perseverança e trabalho duro; mesmo grávida de mim, seguia trabalhando em um momento hostil e perigoso nas obras do Rio de Janeiro. Com sua calma e sua forma única de lidar com as adversidades, me ensinou a importância da gratidão, mesmo nas situações mais difíceis.

Minha irmã, Giovanna, é minha maior companheira. Durante as fases complicadas da adolescência, manteve-se paciente e sempre me apoiou nos estudos de todas as formas possíveis.

Minha avó foi uma das pessoas mais fundamentais na minha criação. Apesar de todas as limitações, sempre buscou oferecer a mim e a toda a família o melhor que a vida pudesse proporcionar. Uma verdadeira mãe, que tive a honra de poder chamar de avó.

Meu avô, mesmo à distância e diante das dificuldades da vida, sempre fez questão de ser presente.

À minha madrinha, que mesmo de longe e talvez sem saber, me inspirou por sua história de dedicação aos estudos e me ensinou a manter o olhar firme naquilo que nos educa.

Aos meus tios Guto e Suzane, que ajudaram de forma silenciosa a mim e à minha família a custear minha faculdade e meus estudos.

Aos meus primos, por serem quem são e por ajudarem a me tornar a pessoa que sou hoje.

Sem cada uma das pessoas citadas neste texto, não existiria o João Paulo que aqui fala, e que hoje, com imensa felicidade, celebra a formação em Jornalismo, um sonho realizado não apenas por mim, mas por todos que me formaram como homem.

RESUMO

O artigo tenciona a construção de um mito (Mazurok, 2022/Campbell, 1995/Helal, 2003/Mcluhan, 2007) a partir da análise da imagem do ex-atleta de futebol José María Gutiérrez Hernández, mais conhecido como Guti. O atleta passou por uma reconfiguração a partir de vídeos de melhores momentos veiculados nas redes digitais. A partir desses cortes, atletas de alto desempenho, que nunca tiveram grande destaque em campo, passaram a ser reconhecidos por feitos que ganharam proporções muito maiores no ambiente digital. Assim, são lembrados como jogadores de nível superior ao que de fato apresentaram em suas trajetórias. O maior exemplo desse fenômeno é Guti: um atleta que, apesar de ter sido exaltado retrospectivamente pela mídia e pelo público, não alcançou esse mesmo reconhecimento durante sua época como jogador.

PALAVRAS-CHAVE

Esporte; Mídia; Guti; Redes digitais; Melhores momentos.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. ENTENDENDO O CONCEITO DE MITO.....	7
2. 1. ÍDOLOS E HERÓIS: DA NARRATIVA CLÁSSICA AO FUTEBOL.....	8
3. A SUBJETIVIDADE, A ELEGÂNCIA.....	9
4. RESULTADOS E A CAPACIDADE DE DECIDIR JOGOS.....	11
4.1. LANCES MARCANTES.....	13
5. A CARREIRA DE GUTI.....	13
5.1. O COLETIVO E O CONTEXTO O TORNAM MAIOR.....	15
5.2. FALTA DE PROTAGONISMO NA SELEÇÃO ESPANHOLA.....	15
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17
REFERÊNCIAS:.....	19

1. INTRODUÇÃO

A imagem de um jogador de futebol não é formada apenas dentro de campo. Ela pode ser construída por diferentes camadas de representação: primeiro pelo trabalho de sua assessoria de imprensa, depois pelo engajamento de sua base de fãs e, atualmente, pelo impacto das redes e plataformas digitais. Entre 2006 e 2010, o YouTube viveu seu primeiro grande “boom” e deixou de ser uma plataforma experimental para se consolidar como o maior espaço de vídeos horizontais da história. Nesse período, a plataforma de streaming ampliou seu público e passou a abrigar todo tipo de conteúdo, inclusive um formato que cresceria rapidamente dentro do universo esportivo: os vídeos de recortes de carreira de jogadores.

Esses vídeos, geralmente intitulados “Melhores momentos”, “Momentos mais incríveis”, “Melhores assistências”, “Gols” ou “Skills”, tinham a proposta inicial de apresentar lances marcantes a torcedores que não tiveram acesso aos jogos ao vivo ou que não acompanharam a trajetória de certos atletas. Contudo, à medida que esse formato se popularizou, passou a desempenhar um papel maior do que o esperado. Ao reunir apenas os melhores lances, esses recortes deixam de lado o olhar crítico e oferecem uma versão editada e altamente favorável da carreira de um jogador.

Assistir a esse tipo de material parece inofensivo — afinal, o público busca entretenimento e a emoção de rever o auge técnico de um atleta. Entretanto, alguns pesquisadores do campo da comunicação e do jornalismo esportivo chamam a atenção para um efeito colateral: ao selecionar apenas os momentos mais brilhantes, pode-se produzir uma representação distorcida, que não corresponde à realidade completa da carreira. É um recorte artificial que ignora períodos de irregularidade, limitações ou atuações comuns. Assim, constrói-se, de forma quase inevitável, uma narrativa mítica sobre o jogador.

O caso de José María Gutiérrez Hernández, o Guti, ilustra esse fenômeno. Em 18 de junho de 2018, o canal “footynational hd7”¹ publicou no YouTube um vídeo de melhores momentos do ex-jogador que alcançou grande repercussão. A partir daí, iniciou-se uma produção constante de compilações de Guti, não só na própria plataforma, mas também no antigo Twitter, hoje X. Essas montagens passaram a alimentar debates frequentes sobre sua relevância no futebol. O fenômeno ganhou tanta força que até mesmo o Real Madrid, clube

¹ GUTI The Maestro Of Pass • Real Madrid 1995 2010. **YouTube:** footynational hd7. 18 jun. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Kgl7lOfamBE>. Acesso em: 10 out. 2025

mais marcante de sua carreira e uma das instituições esportivas mais influentes do planeta, lançou posteriormente um vídeo oficial destacando suas jogadas mais memoráveis.

Este trabalho toma o caso de Guti como estudo de caso para refletir sobre como vídeos de recortes no YouTube e no X contribuem para moldar a memória e a percepção pública da carreira de um atleta. A pesquisa dialoga com o jornalismo esportivo (Messina, 2004), na medida em que os produtos audiovisuais analisados fazem parte desta “nova cobertura esportiva”, que abre espaço para produtores de conteúdo, que nem sempre são jornalistas profissionais. Entretanto, se apoia prioritariamente nas concepções de subjetividade e construção do mito (Mazurok, 2022/Campbell, 1995/Helal, 2003/McLuhan, 2007) no futebol, além de recorrer a análises de jornalistas especializados, como Bruno Formiga, e bases de dados esportivos, como o Sofascore e o Transfermarkt.

É fundamental considerar que o público pode ser levado a reproduzir um imaginário irreal. Hoje, mais do que nunca, torna-se necessário adotar uma visão crítica para distinguir entre a totalidade da carreira de um atleta e aquilo que se quer destacar em recortes específicos. Só assim é possível escapar das narrativas que transformam desempenhos parciais em mitos consolidados.

2. ENTENDENDO O CONCEITO DE MITO

A criação de um mito, seja em torno de uma pessoa, de um acontecimento ou de uma circunstância, costuma fixar-se na memória coletiva como se fosse uma verdade histórica. Um exemplo frequentemente citado em estudos de comunicação e história é o de Ernesto “Che” Guevara, médico argentino que se tornou símbolo da revolução cubana e, posteriormente, da luta contra o imperialismo. Sua imagem, reproduzida em cartazes, camisetas e murais ao redor do mundo, ultrapassou sua trajetória real como militante, transformando-o em ícone cultural (Mazurok, 2022).

Pesquisadores destacam que a atuação de Guevara em Cuba, sua participação em outros movimentos revolucionários e, sobretudo, a forma como a imprensa e a propaganda política o retrataram após sua morte contribuíram para sua transformação em mito. Sua figura passou a representar resistência e idealismo, embora sua trajetória também envolvesse contradições e momentos de fracasso.

Esse processo evidencia que o mito não nasce apenas dos fatos em si, mas da maneira como são narrados, repetidos e reinterpretados ao longo do tempo. E mostra também o risco de se transferir, sem reflexão crítica, imagens construídas em um contexto histórico específico para leituras atuais, distantes de sua realidade original.

2. 1. ÍDOLOS E HERÓIS: DA NARRATIVA CLÁSSICA AO FUTEBOL

A saga clássica do herói fala de um ser que parte do mundo cotidiano e se aventura a enfrentar obstáculos considerados intransponíveis, os vence e retorna à casa, trazendo benefícios aos seus semelhantes (Campbell, 1995: 36). Esta característica do “ídolo-herói” acaba por transformar o universo do esporte em um terreno fértil para a produção de mitos e ritos relevantes para a comunidade (Helal, 2003).

No contexto esportivo, algo semelhante ocorre. Há atletas que alcançaram um nível tão extraordinário que passaram a ser identificados por apelidos que os consagraram e, em muitos casos, são reconhecidos publicamente até mesmo por seus países de origem. Entre os exemplos mais emblemáticos estão: “O Rei Pelé”, “Ronaldo, o Fenômeno”, “Adriano, o Imperador”, “Neymar, o Príncipe de Santos” e “D10S”, apelido de Maradona que combina a palavra espanhola Dios (Deus) com o número 10 de sua camisa.

Para Ronaldo Helal de “A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro,” o esporte no Brasil, reconhece dois tipos de atletas: Zico com o trabalho e disciplina e o Romário, com a malandragem e irreverência.

Com isso, é válido pensar, já que o futebol oferece um terreno fértil para o surgimento de mitos, seria apenas a percepção do torcedor através de recortes de melhores momentos para consolidar essas narrativas em escala nacional ou até internacional? A pergunta nos leva a refletir sobre a função exercida pelos meios de comunicação na construção dessas figuras simbólicas no esporte. A popularização do futebol antecede a era da televisão, mas foi justamente com sua chegada que a experiência de acompanhar partidas passou por profundas mudanças. E, agora, ainda mais com a chegada das redes digitais. Antes das transmissões em tempo real e fora do estádio, o rádio cumpria o papel de principal mediador, enquanto a imprensa escrita fornecia análises, comentários e relatos de bastidores. Seguindo a perspectiva de McLuhan (2007, p. 21), é possível afirmar que, a cada transformação tecnológica, a mensagem também se modifica — e, com ela, o processo de formação do mito. Esse

fenômeno se repete na contemporaneidade, com a consolidação das redes digitais como agentes relevantes na cobertura esportiva.

Sob a influência dessas transformações midiáticas, os mitos do futebol, como veremos nos próximos capítulos, tornaram-se recorrentes no imaginário esportivo. A construção da imagem heroica, entretanto, não se distribui de maneira uniforme. Apenas alguns atletas alcançam o status de heróis, e não é exagero afirmar que os meios de comunicação desempenham papel decisivo na rápida difusão e cristalização dessas figuras entre os torcedores.

Apesar de ser uma parcela pequena de esportistas que se destacam na mídia, não é nenhum absurdo ressaltar que com a chegada dos vídeos de melhores momentos nas redes digitais, alguns atletas tiveram um maior destaque do que em seus tempos como jogador, é o caso do Guti.

3. A SUBJETIVIDADE, A ELEGÂNCIA

Antes de abordar a carreira de Guti, é preciso falar sobre o que chamamos de futebol-arte: esse traço quase intangível de elegância que alguns jogadores conseguem transmitir em campo. Paulo Henrique Ganso, Seedorf, Pirlo, Ronaldinho Gaúcho, entre tantos outros, marcaram suas trajetórias com lances que permanecem na memória do torcedor. Mas afinal, o que é “elegância” no futebol? A resposta dificilmente é objetiva, pois trata-se de algo que se constrói na percepção de quem assiste.

Ainda assim, quando pensamos em jogadores elegantes, quase sempre recorremos a nomes parecidos. Há alguns elementos que se repetem: o famoso “jogar de terno”, atuar com a cabeça erguida, enxergar o campo como se tivesse mais tempo que os outros, antecipar jogadas. São atletas que não dependem apenas de velocidade, potência ou força. Ganso, por exemplo, mesmo convivendo com lesões desde as categorias de base do Santos, nunca deixou de carregar essa aura de sofisticação com a bola nos pés.

A elegância, portanto, não está apenas na técnica, mas na forma como o público enxerga os gestos, os detalhes e até a cadência do jogo. Dennis Bergkamp é um exemplo emblemático: em 2002², contra o Newcastle, pela Premier League, transformou um domínio

² DENNIS Bergkamp pirouette goal vs Newcastle | 2001/02 [HQ]. **YouTube:** Loff x AFC. 4 maio de 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1t_Dv2LEa3c. Acesso em: 10 out. 2025.

em poesia em movimento. Recebeu a bola, girou com naturalidade desconcertante e finalizou como se tivesse todo o tempo do mundo, em um lance que durou apenas cinco segundos, mas ficou eterno.

Essa percepção também está associada à mística da camisa 10. No livro *A Magia da Camisa 10* (2005), André Ribeiro e Vladir Lemos contam como esse número passou a simbolizar o jogador diferente — não o artilheiro clássico, mas o maestro, aquele que pensa o jogo de forma singular. A consagração veio em 1958, quando um jovem chamado Pelé entrou em campo na Copa do Mundo com a 10 nas costas. A partir dali, o futebol nunca mais seria o mesmo.

Desde então, a camisa se tornou sinônimo de craque, eternizada por nomes como Di Stéfano, Puskás, Platini, Eusébio, Bobby Charlton, Rivera, Maradona, Zico, Zidane. Cada um, à sua maneira, alimentou a magia desse número. Mais do que resultados ou estatísticas, a elegância no futebol é aquilo que desperta encantamento, como se a bola e o jogador fossem cúmplices em uma dança. É nesse espaço subjetivo que nascem os lances inesquecíveis.

Lances como o gol de Bergkamp contra o Newcastle, em 2002, quando transformou um giro em obra de arte; o domínio desconcertante de Ronaldinho Gaúcho³ seguido pelo passe rasteiro que encontrou Larsson como se a bola tivesse sido guiada pela grama; o elástico de Thiago Alcântara contra o Borussia Dortmund na temporada 2014/15⁴; ou ainda os controles precisos de Zidane, que pareciam desacelerar o tempo em meio à velocidade do jogo.

Com isso, é basilar perceber que a elegância no futebol não se resume a números, títulos ou estatísticas. Ela habita o intervalo entre o gesto técnico e a emoção que ele desperta em quem assiste. É a sutileza de transformar o difícil em simples, de fazer o jogo parecer arte sem perder sua essência competitiva. Elegância é, portanto, a capacidade de jogar como se o tempo obedecesse ao atleta, de construir beleza em movimento e deixar no torcedor a sensação de ter presenciado algo único, ainda que por apenas alguns segundos.

³ RONALDINHO - Magic pass to Larsson. **YouTube**: Feola. 3 jul. de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jHFHFeII45Q>. Acesso em: 10 out. 2025

⁴ THIAGO Alcântara | Great Elastico Skill vs Borussia Dortmund | DFB Pokal | 14/15 [HD]. YouTube: WeLoveFootball. 28 abr. de 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z1RTtVMerlk>. Acesso em: 10 out. 2025

4. RESULTADOS E A CAPACIDADE DE DECIDIR JOGOS

A elegância é uma arte no futebol, porém ela não pode permitir que isso torne o atleta uma opção ao técnico indispensável. A função principal de um atleta é a capacidade de decidir jogos, seja dando uma assistência, um gol, e até mesmo uma pré-assistência. Essa cobrança geralmente é mais midiática quando estamos pensando em atacantes, extremos e meio-campistas avançados, ou seja, jogadores que estão mais perto do gol adversário. Isso porque, são esses jogadores que carregam, na maioria das vezes, a responsabilidade de decidir os jogos.

Isso é evidenciado com os enormes gastos dos clubes serem nos peões que carregam esse peso de performar em números. Como na temporada de 2025/26, o Liverpool da Inglaterra, pagou cerca de 220 milhões de libras na compra de dois jogadores: Hugo Ekitike e Alexander Isak.

O filme *Moneyball*, dirigido por Bennett Miller e estrelado por Brad Pitt, conta a história de Billy Beane, gerente geral do time de beisebol Oakland Athletics, e de seu assistente Peter Brand (interpretado por Jonah Hill). Juntos, eles utilizam dados e estatísticas para montar a equipe mais competitiva possível com o menor orçamento. Em uma das cenas mais marcantes, Brand diz a Beane: “Nós não compramos jogadores, compramos corridas”.

Trazendo essa ideia para o futebol, a frase pode ser entendida como uma crítica à busca por nomes midiáticos. Em vez de investir em jogadores famosos ou supervalorizados pela mídia, o foco deve estar em atletas que realmente entregam resultados dentro de campo — aqueles que fazem o time vencer.

Retomando o contexto do camisa 10 e da elegância que o caracteriza, a chegada das estatísticas e da obsessão pela intensidade no esporte têm apagado parte dessa magia. Treinadores da nova geração, ou adeptos de um futebol mais físico e dinâmico, como Pep Guardiola, Luis Enrique, Antonio Conte, Xabi Alonso e Hansi Flick, enxergam na pressão alta e na intensidade de marcação uma forma de eliminar jogadores estrelados e de transformar um elenco mediano em uma equipe vencedora — como foi o caso do PSG de Luis Enrique, campeão da Champions League de 2025.

O PSG segue uma estrutura básica para a fase ofensiva: 2-3-5. Quanto mais a bola se move no campo de ataque, mais espaços se abrem. E aí os jogadores vão ocupando esses espaços. Um ataca um espaço, o outro avança para

outro. E assim vai. Buscando sempre ter dois jogadores dando amplitude ao campo e abrindo os adversários e aproximações no corredor central. (Ramos, 2025)⁵

Com esse modelo, jogadores que se destacam justamente pela baixa intensidade — pela calma, serenidade e capacidade de decidir uma jogada com um simples toque, muitas vezes sem aparente esforço — acabam sendo deixados de lado, como se não tivessem mais valor no futebol atual.

Essa discussão é maior do que parece, mas se reflete claramente no pré-Copa do Mundo da seleção brasileira. Convocar Neymar ou não? Essa é a dúvida que divide jornalistas, torcedores e até Carlo Ancelotti. O craque, hoje tratado por alguns como um “ex-jogador em atividade” — termo popularizado pelo programa da Band TV *Os Donos da Bola*, ancorado por Craque Neto — simboliza esse dilema.

Parte-se do pressuposto de que Neymar já não é o mesmo: não tem mais a mesma intensidade, já não produz tanto e parece distante do auge. Ainda assim, seu contexto é diferente dos jogadores europeus de baixa intensidade, que contam com estruturas mais sólidas e coletivos mais organizados. Surge, então, a pergunta: no futebol moderno, um jogador sem intensidade, incapaz de atuar os 90 minutos em alto ritmo, pode fazer parte de um time de elite?

Depende. Existem equipes formadas em torno de atletas especiais — o famoso “jogar por ele”. Foi assim com a Argentina de 2022 em torno de Messi, com o Brasil de 1994 ao redor de Romário e com Portugal de 2025 jogando por Cristiano Ronaldo. Nesses casos, o talento individual justificava a adaptação coletiva. Por outro lado, a mentalidade dominante entre os técnicos atuais valoriza o “futebol total”, termo criado por duas lendas do esporte: Rinus Michels e Johan Cruyff, campeões da Liga dos Campeões da Europa, a antiga Champions League, juntos na temporada 1970/71.

O “futebol total” consiste em um time que trabalhe junto, defenda junto, ataque junto e que geralmente não tenha disputas de ego. Isso pode ser observado no trabalho do atual técnico do Real Madrid, Xabi Alonso, ex-jogador do clube, que chegou para substituir Carlo Ancelotti, hoje comandante da seleção brasileira. Durante toda a carreira, Ancelotti se

⁵ Disponível em: em: <https://www.ogol.com.br/colunas/como-luis-enrique-fez-a-europa-se-curvar-ao-psg-/2565>. Acesso em 10 de out. de 2025.

destacou pela habilidade em gerenciar grandes elencos e controlar vaidades, como no Real Madrid de 2014, no Milan de 2007 e novamente no Real Madrid de 2024.

Xabi, por sua vez, tenta adotar o “futebol total” em sua filosofia tática. No entanto, ele realiza muitas substituições e evita consolidar uma equipe titular fixa, o que gera discussões na imprensa. Um exemplo é o caso de Vinícius Júnior, principal jogador do Real Madrid nos últimos quatro anos, que em algumas partidas acaba no banco para dar lugar a Mastantuono, de apenas 18 anos e recém-chegado ao clube. Esse estilo de gestão que Alonso tenta implementar pode ser um tiro no pé, já que ele está cercado pelos melhores atletas do planeta, mas, ao promover uma rotatividade constante, passa a mensagem de que jovens como Mastantuono ou Gonzalo García estão no mesmo nível de um jogador que decidiu duas Champions League, o torneio mais importante do futebol europeu.

4.1. LANCES MARCANTES

Lances marcantes são um dos pilares fundamentais na construção de um vídeo de melhores momentos. Eles tornam o conteúdo não apenas performático, mas também eficaz em termos de visualização e engajamento com a comunidade. Muitas vezes, esses momentos se transformam no auge da carreira de certos atletas. Um exemplo clássico é o do pentacampeão Denílson Show, que ficou eternizado pelo lance nas semifinais da Copa do Mundo de 2002, contra a Turquia⁶, quando foi perseguido simultaneamente por quatro adversários.

Denílson carrega a glória de ter feito parte de uma das seleções mais vitoriosas da história, mas, em termos de desempenho e estatísticas individuais, nunca atingiu o nível que se projetava para ele. Por isso, para muitos, seu maior feito — e o primeiro que vem à mente quando seu nome é citado — é justamente aquele lance contra a Turquia.

5. A CARREIRA DE GUTI

Façamos agora um paralelo sobre o decorrer da carreira do atleta José María Gutiérrez Hernández, o Guti. O espanhol saiu do Real Madrid Castilla, a categoria de base do clube, e

⁶ DENILSON x Turquia em 2002 - Galvão Bueno. **Youtube:** Daniel Guilherme. 12 out. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y8mMmw0AQus>. Acesso em: 21 out. 2025.

subiu para o profissional na temporada 1995/96. Logo em seu primeiro ano, disputou 9 jogos, sendo 4 como titular e 5 entrando no decorrer das partidas. Além disso, marcou 1 gol — o último da vitória por 3 a 0 sobre o Real Valladolid. Curiosamente, ele deixou o campo aos 39 minutos do segundo tempo, logo após balançar as redes.

Naquela época, Guti era escalado em várias funções que, ao fim da carreira, não se consolidaram como sua posição principal. Atuou como atacante de referência, segundo-atacante, meia aberto pelas pontas e, mais tarde, de forma mais consagrada, firmou-se como meio-campista.

A primeira temporada em que ultrapassou a marca de 30 jogos foi a de 1998/99. Disputou 16 partidas como titular, entrou em 22 vindo do banco, marcou 3 gols e deu 1 assistência. Essa irregularidade se estendeu por toda a sua trajetória. Em grande parte de suas temporadas pelo Real Madrid, Guti acumulou participações parciais, entrando ou saindo de campo em momentos decisivos, quando a equipe precisava de atletas mais consistentes.

Falando de Real Madrid, é importante lembrar que a competitividade sempre foi intensa — pelo menos é isso que se pensa. No entanto, Guti viveu desde momentos complicados da história do clube até suas maiores glórias. Dividiu vestiário com lendas como Zidane, Seedorf e Raúl, mas também atuou por longos períodos com jogadores de nível inferior, o que reforçava sua capacidade de brigar por espaço e posição.

O Bruno Formiga, jornalista e comentarista da ge tv, comenta em seu vídeo “*GUTI E O DELÍRIO COLETIVO*”⁷ sobre a loucura que é colocar Guti em uma prateleira que não lhe pertence — alçando-o a um patamar que não condiz com o que ele produziu em campo, como mostram os dados já citados. “Era bonito de ver jogar, mas não passava disso. Não foram fora de série, não foram caras que dominaram a posição em sua época e, mais que isso, foram caras que, mais vezes, no auge, estavam na reserva do que no time titular” (Formiga, 2022).

A temporada em que mais participou foi a de 2002/03: disputou 54 jogos (28 como titular e 26 como reserva), marcou 13 gols e distribuiu 8 assistências. Foi sua segunda temporada mais expressiva. A mais produtiva, tanto em participações quanto em gols, ocorreu em 2000/01: foram 46 partidas (33 como titular e 13 saindo do banco), 18 gols e 4 assistências. Nessa partida, jogando como camisa 9, chegou a marcar um hat-trick, três gols na mesma partida, contra o Villarreal pela 30ª rodada da LaLiga.

⁷ GUTI E O DELÍRIO COLETIVO!. **YouTube**: Bruno Formiga. 18 abr. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Kg-EHdULNps&t>. Acesso em: 21 out. 2025.

Apesar dessas três boas temporadas consecutivas, Guti começou a perder espaço no clube. Em 2003/04, voltou ao padrão de atuar metade como titular e metade como reserva: foram 29 jogos começando entre os 11 iniciais e 15 saindo do banco, mas com apenas 3 gols e nenhuma assistência.

Em 2004/05, a queda de desempenho se consolidou: disputou 39 partidas (22 como titular e 17 como reserva), mas não contribuiu com gols nem assistências. No total da carreira, Guti somou 34.512 minutos em 618 partidas, o que equivale a uma média de aproximadamente 55,9 minutos em campo por jogo, segundo o portal *ogol.com.br*. Nesse sentido, pode-se dizer que, em média, a cada jogo e meio ele era substituído pelo menos uma vez.

5.1. O COLETIVO E O CONTEXTO O TORNAM MAIOR

O Real Madrid é o maior vencedor da Liga dos Campeões, com 15 títulos, mais que o dobro do segundo colocado, o Milan, que soma 7. Nesse contexto, mesmo quando o desempenho individual não era brilhante, Guti acabou premiado em função do caráter coletivo do futebol. Um exemplo contemporâneo é o Paris Saint-Germain campeão da Champions 2024/25, marcado pelo trabalho tático e pela intensidade coletiva de Luis Enrique, ex-treinador do Barcelona e ex-companheiro de Guti no Real Madrid.

Ao todo, Guti conquistou 15 títulos em sua carreira: 5 La Ligas, 4 Supercopas da Espanha, 3 Champions League, 1 Supercopa da UEFA, 2 Copas Intercontinentais e 1 Copa da Turquia — 14 pelo Real Madrid e 1 pelo Beşiktaş.

5.2. FALTA DE PROTAGONISMO NA SELEÇÃO ESPANHOLA

Analisando sua trajetória mais a fundo, percebe-se que ele não correspondeu totalmente à imagem criada pela mídia. Foi um jogador talentoso, capaz de lances encantadores, mas que não mantinha regularidade nem entregava resultados consistentes. Nunca se consolidou de forma definitiva no Real Madrid e tampouco teve protagonismo na seleção espanhola, que, na época, sofria para estruturar seu meio-campo. Pela Roja, disputou 7 amistosos (1 gol), 3 partidas das eliminatórias da Eurocopa de 2004 (1 gol) e 1 jogo das eliminatórias da Copa de 2006 (1 gol).

Bruno Formiga comenta em seu vídeo que jogadores de clubes menos midiáticos, ou atletas que não “tinham” todo esse talento, tiveram mais espaço na seleção espanhola do que o próprio Guti. Exemplos disso são Xavi, ainda em início de carreira, Luis Enrique, já mais experiente, e alguns jogadores de times de menor expressão para o futebol espanhol em comparação a Real Madrid e Barcelona, que também passaram à frente de Guti e se consolidaram na seleção.

Para o Formiga, Guti é um daqueles casos em que, ao ver um vídeo publicado nas redes digitais, é impossível não ficar perplexo e se perguntar como um jogador com tanto talento não é mais comentado. No entanto, ele mesmo ressalta, em seu vídeo, que o espanhol está abaixo de outros atletas que atuavam em posições mais recuadas — ou seja, jogadores que, em tese, deveriam ter números inferiores aos de Guti.

No Real Madrid, esse número é abaixo. E você pega ali umas 100 assistências, mais ou menos. Está abaixo dos números de Kroos, Modric, Iniesta, Xavi e de vários outros jogadores, e se quiser comparar com outros que talvez tenham sido injustiçados ou subvalorizados. (Formiga, 2022)⁸

Portanto, a seleção espanhola jamais foi um espaço em que Guti tivesse participação frequente, justamente porque não desempenhava em nível suficiente para isso. É importante destacar que esta análise não pretende diminuir o atleta, mas sim relativizar a supervalorização da mídia, que frequentemente o coloca em um patamar maior do que aquele que ele efetivamente alcançou dentro de campo.

O impacto dessa reconfiguração de imagem do Guti é comprovado até mesmo no jogo multiplataforma da empresa EA, o EA FC (antigo FIFA). No modo online Ultimate Team, em que é possível montar um time próprio e jogar contra adversários pela internet, para se divertir da melhor forma é necessário ter as melhores cartas do jogo. Entre as milhares de subdivisões de cartas, as principais são as “Heroes” e as “Icons”.

Os Icons representam os maiores jogadores da história, como Pelé, Maradona, Zico, Zidane, Ronaldinho Gaúcho e Ronaldo Fenômeno, enquanto os Heroes são atletas que alcançaram um patamar especial, mas não chegaram ao nível dos Icons.

⁸ GUTI E O DELÍRIO COLETIVO!. **YouTube**: Bruno Formiga. 18 abr. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Kg-EHdULNps&t>. Acesso em: 21 out. 2025.

Guti, por sua vez, está classificado como Hero. O que comprova o ponto já levantado: os tempos atuais, dominados pelas redes digitais, distorcem facilmente a realidade, como aconteceu com ele. No EA FC 26, o mais recente, Guti possui uma carta extremamente valorizada, com estatísticas impressionantes que o colocam entre os melhores Heroes. Essa categoria também inclui jogadores como Carlos Tévez, Eden Hazard, Vincent Kompany e Wesley Sneijder, todos atletas que, em algum momento, atingiram o patamar de melhores do mundo. Algo que Guti jamais alcançou, já que sequer foi titular absoluto em seu clube.

Estar presente em um jogo como o EA FC significa ter sua imagem catapultada e alçada a níveis inimagináveis. Na edição de 2023, por exemplo, a EA adicionou, ainda que tardiamente, o futebol feminino, permitindo que os jogadores utilizassem as atletas no modo online. A decisão se mostrou um grande acerto, pois trouxe enorme visibilidade para a categoria. Consumidores do jogo passaram, inclusive, a comentar nas redes digitais das jogadoras — uma delas foi a craque do Barcelona, Claudia Pina⁹, que agradeceu pelo desempenho delas nos times virtuais.

Estar vinculado a uma marca de grande porte como o EA FC é, portanto, estar exposto a uma aura de grandeza, dependendo da força da carta em questão. No caso de Guti, isso se mostrou positivo, já que sua boa carta é resultado direto da popularização dos vídeos com seus “melhores momentos” nas redes digitais.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É razoável apontar, a partir do que foi analisado ao longo desta pesquisa, que as redes digitais se tornaram um grande vilão tanto para o imaginário do público quanto para ex-atletas ou até mesmo atletas em atividade. Os vídeos de melhores momentos e recortes das principais partidas desses jogadores, muitas vezes, compõem um cenário extremamente positivo. Poder reviver o sentimento de nostalgia ou simplesmente apreciar o auge de um esportista admirado — seus passes, finalizações e gols — é algo natural ao verdadeiro fã de esporte, que gosta de viver e reviver o melhor daquilo que ama.

No entanto, em alguns casos, como o de Guti, é possível perceber que parte dessas publicações de recortes de melhores momentos colabora, ainda que de forma sutil, para a

⁹ HAT-TRICK i MVP. **Instagram**: FC Barcelona Femeni e Claudia Pina. 21 set. 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DO3xbqLjBfB/>. Acesso em 21 out. 2025.

criação de mitos. O público, distraído e entretido pelos vídeos, não percebe que está consumindo uma versão idealizada do jogador. Atletas como Guti, Denílson Show e Gary Neville, entre outros, foram elevados a um patamar simbólico que muitas vezes não corresponde à realidade de suas carreiras. Denílson é lembrado como um dos “ídolos” recentes da seleção brasileira; Neville, como símbolo do Manchester United; e Guti — o exemplo central deste estudo — alcançou sua maior idolatria justamente entre o público das redes digitais.

Jogadores como Guti são casos curiosos: fazem parte de um grupo seletivo que não necessariamente foram craques, mas tiveram lapsos de grande desempenho registrados e amplificados nas redes. Como mencionado, Denílson e Neville também são exemplos de atletas que se tornaram populares por meio desses recortes, mas com características distintas — o primeiro por jogadas marcantes e carisma midiático; o segundo, por ter integrado um time histórico, mesmo sendo um lateral-direito tecnicamente comum. No caso de Neville, o fato de ser europeu e jogar em uma equipe de enorme expressão contribuiu para consolidar uma imagem de prestígio que, em muitos aspectos, ultrapassa seu desempenho individual.

É importante ressaltar que este estudo não busca diminuir os feitos desses atletas, mas mostrar que Guti foi um bom jogador — mas não o craque que as redes digitais muitas vezes fazem parecer. Trata-se, portanto, de um convite à reflexão sobre um dos maiores problemas no momento midiático do esporte: a distorção de narrativas provocada pelos recortes de melhores momentos.

Assim, os conteúdos analisados também buscam evidenciar o caráter interativo da relação entre esses recortes e o público, especialmente com a ascensão das redes digitais. Por se tratar de um fenômeno em constante transformação, ele desperta curiosidade e merece atenção quanto ao seu real alcance e impacto na construção da memória esportiva contemporânea. Cabe, portanto, questionar: estaremos consumindo o esporte em sua essência ou apenas uma versão editada, moldada pela estética das redes? Essa é uma provocação que ultrapassa o campo esportivo e se estende à forma como enxergamos o mundo moderno — assunto, certamente, para estudos futuros.

REFERÊNCIAS:

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix, 1995

De Paulos, MARCELO. O craque do futebol total: Dentro e fora do campo, Cruyff fez nascer um novo jeito de jogar bola. **Piauí**. Uol. Rio Janeiro, abr. 2016. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-craque-do-futebol-total/>. Acesso em: 21 out. 2025.

DENILSON x Turquia em 2002 - Galvão Bueno. **Youtube**: Daniel Guilherme. 12 out. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y8mMmw0AQus>. Acesso em: 21 out. 2025.

DENNIS Bergkamp pirouette goal vs Newcastle | 2001/02 [HQ]. **YouTube**: Loff x AFC. 4 maio de 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1t_Dv2LEa3c. Acesso em: 10 out. 2025.

GUTI E O DELÍRIO COLETIVO!. **YouTube**: Bruno Formiga. 18 abr. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Kg-EHdULNps&t>. Acesso em: 21 out. 2025.

GUTI The Maestro Of Pass • Real Madrid 1995 2010. **YouTube**: footynational hd7. 18 jun. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KgI7lOfamBE>. Acesso em: 10 out. 2025

HAT-TRICK i MVP. **Instagram**: FC Barcelona Femeni e Claudia Pina. 21 set. 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DO3xbqLjBfB/>. Acesso em 21 out. 2025.

HELAL, Ronaldo. (2003). A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro. **ALCEU**, 4(7), 19–36. <https://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/alceu-n7-Helal.pdf>. Acesso em: 10 out. 2025

MAZUROK, Andréa. A Revolução dos Guerrilheiros em Cuba: um estudo de gênero e imagens. **Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura**, São Cristóvão, v. 18, n. 34, p. 156–183, 2024. DOI: 10.61895/pl.v18i34.21052. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/pontadelanca/article/view/21052>. Acesso em: 10 out. 2025

MESSINA, Ágata. Jornalismo esportivo: os craques da emoção. Secretaria Especial de Comunicação Social do Rio de Janeiro. 2.ed; Rio de Janeiro: **Contexto**, 2004. Disponível em: <<https://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204433/4101403/estudos11.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2025.

MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação Como Extensão do Homem**. Tradução de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1969.

MONEYBALL. Direção: Bennett Miller. Produção: Rachael Horovitz, Brad Pitt e Michael De Luca. Roteiro: Steven Zaillian, Aaron Sorkin e Stan Chervin. Autores: Michael Lewis e Stan Chervin. Filme. 133 min. Estados Unidos, 2012.

RAMOS, Carlos. “Como Luis Enrique fez a Europa se curvar ao PSG”, **Site Ogol**. disponível em: <https://www.ogol.com.br/colunas/como-luis-enrique-fez-a-europa-se-curvar-ao-psg-/2565>. Acesso em 10 de out. de 2025.

RIBEIRO, André; LEMOS, Vládir. **A magia da camisa 10**. Campinas: Verus, 2005.

RONALDINHO - Magic pass to Larsoon. **YouTube**: Feola. 3 jul. de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jHFHFeIl45Q>. Acesso em: 10 out. 2025

THIAGO Alcantara | Great Elastico Skill vs Borussia Dortmund | DFB Pokal | 14/15 [HD]. **YouTube:** WeLoveFootball. 28 abr. de 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z1RTtVMerlk>. Acesso em: 10 out. 2025